

Editorial

Dossiê Práticas de Pesquisa com Imagens

Um mapa feito por um artista em um pedaço de papel, uma fotografia tirada por um estudante secundarista, um quadro retratando uma paisagem bucólica, a capa de um livro didático, uma cidade fictícia representada em um jogo de vídeo game, uma fotografia antiga circulando em uma nota de dinheiro. À primeira vista, essas imagens parecem ter pouca coisa em comum. Seus produtores e consumidores são muito diversificados, assim como também são diversas as suas linguagens, conteúdos e suportes materiais. O que agrupa essas imagens nesse número 52 da E&C é o fato delas terem sido mobilizadas, quer como ferramentas metodológicas quer como objetos de estudo, nas práticas de pesquisa de geógrafos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A reflexão sobre o uso das imagens nas pesquisas geográficas tem encontrado terreno fértil nessa instituição, ocupando um lugar de destaque nos Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura e nas páginas da E&C. Não foram poucos os números temáticos que agruparam trabalhos interessados em mobilizar imagens para se fazer geografia. O presente número busca oferecer caminhos metodológicos diversos para o uso das imagens nas pesquisas geográficas. Longe de apresentarem uma coerência teórica ou metodológica restrita e pré-determinada, os trabalhos aqui agrupados parecem emergir de um interesse genuíno pelo trabalho com imagens. As imagens são utilizadas para traçar trajetórias individuais, para captar a percepção de uma cidade, para documentar uma transformação ambiental, ou para evidenciar os discursos estatais, tornando-se ferramentas centrais nas práticas de pesquisa.

O número tem início o com o artigo de Michel Moreaux, doutor pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que apresenta o processo de mapeamento das trajetórias de dois artistas de rua atuantes da cidade do Rio de Janeiro. Tendo com

objetivo realizar entrevistas com artistas para conhecer as suas práticas espaciais de apresentação e seus impactos nos espaços públicos, a pesquisa não pretendia inicialmente utilizar mapas para localizar trajetórias. No entanto, o uso do mapa em escalas variadas possibilitou que os artistas oferecessem informações mais detalhadas sobre os locais por onde passaram e sobre como se posicionam e ressignificam a cidade. Além de oferecer estudos de caso pertinentes, o autor também desenvolve contribuições metodológicas que podem servir a outros trabalhos similares, conectando as trajetórias relatadas pelos mapas com a noção de “estórias-até-agora”, desenvolvida por Doreen Massey (2005).

O interesse pelas imagens é muito variado e pulverizado na geografia contemporânea o que permite que a própria prática com as imagens se torne um objeto de estudo na historiografia da disciplina. O segundo artigo desse número, escrito pelo doutorando da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pedro Bernardes Pinheiro, busca justamente estudar como as imagens vêm sendo estudadas por geógrafos e geógrafas, mais especificamente em seus debates sobre os livros didáticos de geografia. A partir de um levantamento feito em artigos publicados em periódicos sobre o ensino de Geografia, dissertações de mestrado e teses de doutorado, o autor identifica três conjuntos de argumentos centrais nas pesquisas sobre imagens e livros didáticos, evidenciando diferentes práticas de pesquisa e opiniões sobre o mesmo objeto de estudo.

Uma das tendências mais renovadas de estudos, encontradas no artigo de Pinheiro, é aquela que busca apontar o potencial das imagens no trabalho pedagógico docente, saindo das imagens padronizadas dos livros didáticos para estimular experimentações que valorizem outros sentidos para o currículo da Geografia Escolar. O artigo seguinte trata justamente de uma experiência que buscou tornar os estudantes não apenas receptores, mas também produtores das imagens exibidas em sala de aula. O artigo de Gabriel Carvalho Cabral busca apresentar uma prática pedagógica realizada com estudantes do Instituto Federal localizado na cidade de Campos dos Goytacazes, na qual a fotografia teve papel central. Ao solicitar que os estudantes tirassem fotografias do seu cotidiano na cidade, Cabral teve acesso a outras percepções do espaço, abordando questões concretas como a enchente de uma rua que ilustra a capa desse número 52 da E&C. A fotografia entra em sala de aula não apenas para apresentar a alteridade e o exótico, mas ela também serve para fazer emergir o cotidiano e os símbolos das cidades percorridas pelos estudantes.

O processo de produção das imagens vem sendo cada vez mais destacado em pesquisas contemporâneas, que buscam explorar a posicionalidade de quem produz as

imagens e as suas relações com os ambientes representados. O artigo seguinte do nosso dossiê, escrito pelo doutorando da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Bruno Silva, busca situar a pintura de paisagem como uma prática consolidada no bairro de Pedra de Guaratiba, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro. Ao se aprofundar nos pintores que frequentam o bairro, considerando o teor de suas obras, a pesquisa evidenciou como existem repertórios visuais compartilhados na representação do bairro como um local bucólico e pitoresco, com presença marcante na natureza. As imagens produzidas pelos pintores podem auxiliar tanto na compreensão desses repertórios, como na formação de uma narrativa sobre a geografia histórica e a história ambiental do bairro.

Entender os processos de produção das imagens e como seus repertórios conversam com outras imagens e textos é tarefa fundamental para decodificar discursos espaciais na atualidade. A intertextualidade deixa evidente como os significados são teias complexas de auto reforço e que para estudar a sua circulação temos que refazer os caminhos, evidenciando diálogos entre diferentes imagens. Os dois artigos seguintes nesse volume abordam juntamente as intertextualidades e seus significados. Thiago Silvestre da Silva, doutorando da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos oferece um caso interessante de circulação das imagens, considerando as notas de dinheiro produzidas no Brasil entre 1972 e 1994. O artigo compara cédulas produzidas durante a ditadura militar, muito focadas na modernização do território brasileiros, com aquelas produzidas no período de redemocratização, quando novos personagens foram escolhidos para ilustrar o papel moeda e novas intertextualidades foram exploradas.

As conexões entre as imagens também constituem o tema central do último artigo do nosso dossiê, escrito pelo mestrando da Universidade do Rio de Janeiro Patrick Martins de Souza. O autor utiliza as ideias de intertextualidade de James Duncan no intuito de traçar uma relação entre os *Game Studies* e a leitura das paisagens enquanto textos. Analisando brevemente os filmes *Blade Runner – O Caçador de Androides* (Ridley Scott, 1982) e *Metrópolis* (Fritz Lang, 1927), o artigo evidencia a sua busca por uma metodologia de análise dos jogos eletrônicos *Final Fantasy VII* e *Final Fantasy VII Remake*. A inspiração na cidade de Nova Iorque enquanto repertório imagético urbano fica muito evidente tanto nos filmes, como nos jogos, revelando a recorrência de um padrão visual na representação das cidades e suas paisagens.

Para além dos casos interessantes de estudo aqui apresentados, acreditamos que a ideia de se estudar as variadas práticas com imagens é fundamental para aprofundar e

qualificar o debate sobre visualidades disciplinares. É apenas conhecendo as variadas formas que os geógrafos e geógrafas estão mobilizando imagens em seus trabalhos, que podemos aprofundar a nossa noção histórica e contemporânea sobre os usos de artefatos visuais nas práticas de pesquisa e produção do conhecimento.

Esperamos que gostem da leitura!

André Reyes Novaes

Mariana Lamego

Marianna Fernandes Moreira

Matheus de Oliveira Grandi

Rafael da Costa Gonçalves de Almeida